

O DIA MAIS FRIO: Capítulo 12 – Migração

Dia 05 de novembro de 2640. Voltamos hoje para nossa casa na Ilha dos Andes. Carrego comigo a sensação de que a inauguração de Shambala marcou um ponto de virada, mas agora retornamos à rotina — e ao trabalho. Passei o dia inteiro aprimorando meu novo projeto: a climatização completa das cúpulas dos Himalaias.

O piloto é simples: um software leve, que coordena grandes ventiladores e vaporizadores estrategicamente distribuídos na estrutura. A ideia é bombear água dessalinizada diretamente do mar, aquecê-la e pulverizá-la diante de cada ventilador para criar microcorrentes úmidas. Com o controle fino de temperatura, umidade e fluxo de ar, calculo que seja possível reproduzir um clima tropical ameno dentro da cúpula. O sistema inteiro foi pensado para consumir pouca energia e depende fortemente de sensores IoT para monitorar, regular e apresentar feedback climático em tempo real. Algo silencioso, eficiente e totalmente autônomo.

Enquanto isso, Heloise passa praticamente todos os dias nos laboratórios do centro dos Andes com a mãe. Hellen está profundamente envolvida em dois grandes projetos — e agora a filha também.

O primeiro é o aperfeiçoamento genético de vegetais essenciais para alimentação: milho, soja, girassol e cana-de-açúcar. A meta é clara: torná-los mais resistentes, adaptáveis ao solo arenoso e acelerar seus ciclos de cultivo.

O segundo é ainda mais ousado: desenvolver uma celulose mais resistente que o kevlar, a partir de um novo tipo de eucalipto geneticamente aprimorado.

Quando elas chegaram à noite, já exaustas, eu tinha preparado o jantar. Sentamos os três à mesa, em silêncio por alguns instantes. Coloquei o guardanapo sobre o colo e fiz a pergunta de sempre:

— E então... como foi o dia de vocês?

Hellen respirou fundo, abriu um pequeno sorriso cansado e começou a explicar:

— Foi produtivo, Alexis. Estamos avançando nas linhagens testadas. O milho e a soja receberam inserções genéticas para amplificar vias metabólicas associadas à tolerância ao estresse hídrico. Coisas simples, mas eficientes — aumento da produção de prolina e reforço das membranas celulares para reduzir perda de água. Também estamos usando CRISPR para editar genes que regulam o tempo de desenvolvimento.

Ela tocou o próprio copo, como quem organiza os pensamentos.

— Com o CRISPR, conseguimos cortar e substituir segmentos específicos do DNA vegetal como se estivéssemos editando texto. Uma enzima — geralmente a Cas9 — faz o corte preciso, e então introduzimos a sequência desejada. Dessa forma, reduzimos o tempo entre germinação e floração, acelerando o ciclo de colheita. No girassol e na cana de açúcar estamos reforçando genes que regulam resistência à salinidade e à acidez, porque o solo dos Himalaias ainda está instável. Com sorte, teremos variedades que crescem rápido, consomem pouca água e suportam condições extremas.

Ela sorriu outra vez, dessa vez com mais brilho:

— Se tudo der certo, Shambala poderá produzir o próprio alimento em poucos meses.

Heloise apoiou os cotovelos na mesa, empolgada:

— Eu fiquei com a parte do eucalipto, pai. Escolhemos o *Eucalyptus urophylla* porque já cresce rápido por natureza, mas estamos potencializando isso. Usamos uma combinação de CRISPR e promotores genéticos para aumentar a taxa de divisão celular no câmbio vascular — é ali que a madeira realmente se forma.

Ela fez um gesto circular com as mãos, como se moldasse algo no ar.

— O objetivo é produzir uma celulose com cristalinidade muito mais alta, com fibras mais longas e densas. Se conseguimos alinhar melhor as microfibrilas de celulose, reforçamos naturalmente a resistência mecânica. A ideia é que a nova fibra, depois de processada, supere o kevlar em tenacidade, elasticidade e resistência à tração.

Seus olhos brilhavam — aquele brilho que sempre vejo quando ela se sente pertencente a algo maior.

— Estamos chamando, provisoriamente, de *Celulose U-Prime*. Além disso, alteramos genes que regulam o metabolismo do hormônio auxina, para que as árvores cresçam o dobro, talvez o triplo da velocidade normal. Elas ficam mais baixas, mas grossas, perfeitas para extração. E adaptamos o sistema radicular para solos pobres, porque Shambala ainda está se recompondo.

Ela riu, encostando o queixo nas mãos:

— Se funcionar... podemos construir pilares, cabos, tecidos e estruturas inteiras só com essa celulose. Biodegradável e resistente — um sonho.

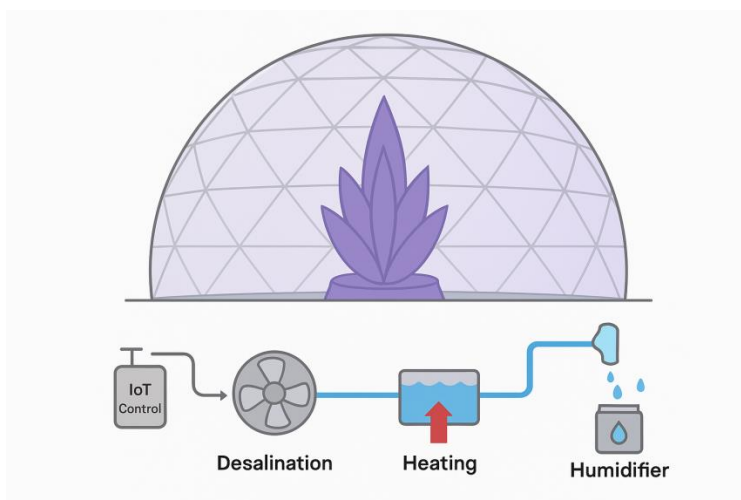


Figura 95 –Climatização

Data: 07 de novembro de 2640

O projeto para a Ilha dos Himalaias é, na prática, a criação de uma zona rural contemporânea: vida simples, trabalho manual, espírito elevado. Uma densidade populacional baixa, quase pastoral se comparada à Ilha dos Andes, que fervilha como sempre — laboratórios, centros de estudo, estúdios de engenharia, grupos de pesquisa, fábricas autogeridas... aqui as pessoas vivem com intensidade e propósito, movidas pela sensação de estarem sempre construindo algo maior que elas mesmas.

Espera-se que, com o avanço da produção agrícola, biotecnológica e florestal nos Himalaias, possamos estabelecer um fluxo contínuo de insumos transportados por mar até os Andes. Isso abrirá novas frentes de trabalho — manufatura, refino, bioprocessamento, engenharia de materiais — e alimentará a população não apenas com alimentos, mas com dignidade.

Afinal, nas ilhas livres, trabalho é sinônimo de autonomia, não de servidão. E sobretudo: aqui não dependemos das Corporações da Nexus. A Matrix — o megaconglomerado que monopoliza insumos no continente — não entra em nossos portos. A Nestlé, que controla 40% do mercado alimentar global, tampouco tem alcance aqui. É por isso que cada avanço agrícola, cada planta híbrida, cada novo material produzido nos Himalaias significa mais do que produtividade: significa soberania.

O delicado mercado da Ilha dos Andes funciona baseado em um princípio que conseguiu o impossível: eliminar o desemprego.

A base de tudo é a mineração de criptoativos de utilidade pública, um sistema criado décadas atrás pela Conspiração. Não se trata de moedas especulativas, mas de tokens lastreados em serviços essenciais da ilha. Cada processo educacional, cada projeto científico, cada sistema operacional público, cada modelo energético e cada protocolo de segurança é sustentado por uma blockchain comunitária.

Essa blockchain exige validação constante — e é aí que entra a mineração.

Nos Andes, minerar não significa desperdiçar energia com cálculos inúteis, mas processar tarefas computacionais reais da sociedade:

- simulações climáticas,
- otimizações dos sistemas autônomos,
- cálculos de engenharia,
- manutenção preditiva,
- análises biológicas e estruturais,
- renderizações dos modelos de teletransporte,
- validações de dados da IoT.

Cada cidadão contribui com poder computacional — seja por seus dispositivos, seja por participação em clusters públicos — e recebe tokens como retorno. Esses tokens pagam desde transporte e energia até alimentos e educação. Não existe desemprego porque todo cidadão é, por definição, parte do processamento coletivo.

É um sistema que transforma trabalho intelectual, técnico e computacional em riqueza circulante. Nada é ocioso. Nada é desperdiçado. O algoritmo distribui tarefas proporcionalmente às capacidades de cada dispositivo ou estação de trabalho, e a remuneração é automaticamente ajustada conforme a complexidade do cálculo.

Com a expansão produtiva da nova vila, a lógica se completa:

1. Os Himalaias produzem insumos — alimentos, fibras vegetais, matéria-prima, compostos bioquímicos.
2. Os Andes refinam, processam, transformam — desde tecidos e biopolímeros até nutrientes, ferramentas e materiais estruturais.
3. O transporte entre as ilhas cria fluxo de valor, que abastece a economia tokenizada.
4. O ciclo fecha: os Himalaias enviam matéria; os Andes devolvem tecnologia, máquinas, conhecimento e suporte.

Assim, o que nasce da terra bruta se transforma em riqueza intelectual, e o que nasce das mentes dos Andes retorna como infraestrutura, ferramentas e progresso.

Nenhuma corporação externa toca esse sistema.

Nenhuma domina seu fluxo.

Nenhuma lucra com o suor do povo.

É um mercado vivo, orgânico, descentralizado e — pela primeira vez em séculos — verdadeiramente humano.



Figura 96 –DNA